

Dramaturgia para Teatro Fórum na EMEIEF Vereador Manoel Oliveira

Pacientes e terapeuta sentando, chegando e aguardando o começo da terapia comunitária em círculo.

- Boa noite! Espero que estejam bem! Obrigada por virem... - diz a terapeuta. - Alguma das pessoas novas quer contar o que está angustiando vocês?

Silêncio. Ela insiste:

- Podem ficar à vontade!

Ainda quietos, ela explica:

- Os mais antigos sabem de uma regra nossa do que ouvimos aqui, deixamos aqui, para que fiquem à vontade...

Uma senhora levanta a mão.

- Pode falar! - avisa a terapeuta

- Fui casada muitos anos, tenho filhos e neta. Era uma correria em casa, mas meu ex não ajudava. Tinha vontade de voltar a estudar, mas ele apontava as crianças, a louça e dizia que eram minhas escolas. Há pouco tempo nos separamos, voltei a estudar, mas agora a vizinhança fica palpitando, com medo dos maridos me encontrarem, futricando... Já até coloquei cartaz no portão que não preciso de ajuda, nem quero homem nenhum... Mas sempre se metem na nossa vida, não interessa que caminho a gente escolhe!

- A mulher muitas vezes enfrenta um ambiente opressivo e se sente exausta de brigar contra ele... - começa a psicóloga.

- Nossa lá em casa foi igual! - interrompe outra paciente. Também vivi com meu ex décadas, só tenho filhos, mas sempre que pensava alto que tinha que terminar os estudos ele apontava o tanque, o fogão e dizia que já tinha escola em casa. Podíamos mandar os dois pra China!

Pacientes começam a rir. Psicóloga intervém:

- Batalhar sozinhas contra falta de apoio, machismo, fofoca entre vizinhos ou dificuldade para estudar pode ser desgastante... Ter uma rede de apoio pode dar

um vigor para a luta: aqui temos grupo de mulheres, mas há associações e movimentos no bairro que podem auxiliar com estas questões e...

- Será que tem para vítima de família preconceituosa? - pergunta uma moça.

- Podemos levantar... - fala a psicóloga.

- Lá em casa intrometem por outras razões. - continua a moça - Depois que me assumi LGBT meu pai sempre critica homens femininos, xinga e depois fica olhando feio para mim. A gente leva a vida, finge que não vê, mas às vezes brocha voltar para essa casa sabe? Às vezes me pergunto como sair de lá e noutras, porque me assumi sendo que são tão ignorantes...

- A falta de acolhimento é uma agressão que muitas vezes passa batido... Uma rede de apoio pode te acolher... Tem a Casa1 no Bixiga e...

- Minha família é meio sem noção feito a tua - fala um moço - Eles sabem que sou LGBT, mas outro dia minha irmã me criticou porque estava de perna cruzada e fui pra cima dela.

- Há agressões que deixam o oprimido pela família numa situação ainda mais fragilizada, porque às vezes na casa ele não tem apoio algum. Essa ONG que falei acolhe expulsos de casa, tem atendimento psicológico e médico, além de atender população de rua e de ocupações na biblioteca comunitária do Baixo Bela Vista.
- explica a psicóloga.

- De repente vale procurar né? - a moça pergunta ao que também revelou homofobia em casa.

- Qualquer coisa a gente vai juntos. - diz ele. - Vai que...

- Psicóloga passa também o contato dos grupo, associação e movimento de mulheres que comentou? - pede a primeira que reclamou de machismo.

- Claro! - começa tomar nota ou procurar cartão.

- Vamos ver o que achamos juntas. - sugere a segunda a desabafar sobre machismo.

- A minha família tem preconceito comigo porque sou a mais pobre...- comenta uma senhora.

- E como você se sente? - pergunta a psicóloga.

- Isso acontece porque criei meus três filhos sozinha, então diziam que eles iam se perder nesta vida, mas não, cresceram, me ajudam, mas os parentes agem sempre torcendo o nariz porque além de mãe solo, vivo apertada...

- Curioso pessoal: hoje tivemos algumas falas sobre machismo, homofobia, mas classismo como esta senhora trouxe nem sempre dividem conosco... Porque será? - questiona a psicóloga.

- Talvez porque a gente não sabe o que é. - palpita uma participante que ainda não tinha falado.

- Quando o preconceito é da classe social de quem sofre, alguém com mais recurso maltratando pobre por exemplo. - esclarece a terapeuta.

- Pode ser porque vemos isso como normal - comenta a 2a senhora que sofre machismo.

- E a gente não naturaliza outros preconceitos? - quer saber a psicóloga.

- O machismo sim. - comenta o rapaz que levantou a bola da homofobia - Porque a família dela maltratar por conta da maternidade solo também não é machista?

- Sim, o relato dela tem várias facetas - comenta a psicóloga. - Alguém se identificou com a última senhora ou lidou com problema semelhante de outra maneira?

- Penso que ela já fez o mais difícil que é criar os filhos sem ninguém apoiando. Se mesmo assim, a família apontar, criticar, talvez se afastar possa evitar que ela fique mal - comenta outro participante.

- Mais alguém com experiências ou identificação com os outros casos de hoje? - psicóloga comenta, quando ninguém mais fala, propõe - Como essas escutas e falas podem mexer conosco, pensei em fazermos desenhos, pinturas ou poesia de como nos sentimos depois da sessão, pode ser? - Pacientes concordam - Vou pegar papel, lápis, giz e canetinha... Só um minuto! - ela sai, luz cai ou a cena termina no ar com a roda de desenhos no ar.